

## **A FORMAÇÃO MÉDICA EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

**Márcia Regina Barros da Silva**

**Pesquisadora do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – UNIFESP**

**Mestre e Doutoranda - Departamento de História da FFLCH/USP**

Endereço para correspondência

CEHFI/Museu Histórico - Rua Botucatu, 740, CEP 04023-900

Tel./Fax: 5576-4258

e-mail: mbarros.dac@epm.br

### **Introdução**

O objetivo deste texto é discutir os contornos iniciais da história do ensino médico paulista, relacionando-o a diferentes aspectos da organização da saúde, tanto na questão do crescimento e da urbanização da cidade, quanto no atendimento à saúde e na produção de conhecimento médico. Estas três áreas, geralmente, pensadas em separado na historiografia dedicada ao estudo do ensino médico, podem, em conjunto, ampliar nosso entendimento sobre as bases do projeto de educação que propiciou a criação das primeiras escolas médicas paulistas.

### **As instituições de saúde**

Desde meados do século XIX foram criadas em São Paulo instituições voltadas para o cuidado com a saúde, a partir principalmente do agravamento das condições sanitárias na cidade. Assim os primeiros serviços instalados pelo governo estadual estavam voltados para a higiene pública, como o Instituto Vacínico de 1838 e a Inspetoria de Higiene do mesmo período, que porém tiveram atuação bastante restrita<sup>1</sup>.

A assistência médica era realizada basicamente pela Santa Casa de Misericórdia, instalada na capital desde 1825 e que em 1855 transfere-se para nova sede, mesmo momento que começam a ser criadas também associações mutualistas, como por exemplo, a Beneficência Portuguesa em 1850.

Apesar da insipiência da medicina desenvolvida neste período é possível observar o crescimento de atividades direcionadas ao debate sobre o campo médico, como a tentativa de organização de um congresso médico em 1878; a criação em 1888 da Sociedade Médico - Cirúrgica

de São Paulo, extinta contudo em 1891 e recriada em 1895 como Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a criação dos primeiros periódicos médicos paulistas em 1889 e 1895, ambos com o título de Revista Médica de São Paulo.

Deste momento em diante cresce rapidamente o número de médicos na cidade, devido principalmente ao rápido processo de urbanização deste período. A criação da Hospedaria do Imigrante em 1880, com a qual inicia-se uma política de saúde impulsionada principalmente pelo aumento do número de imigrantes direcionados para a agricultura paulista, juntamente com a implantação Serviço Sanitário do Estado de São Paulo em 1892<sup>2</sup>, servem como marco para a melhoria das condições de saúde no estado<sup>3</sup>.

Foi neste contexto que surgiu a proposta do governo do estado da criação de uma academia de medicina e cirurgia, em lei de 1891, que contudo não foi implementada.

### **A produção de conhecimento: as revistas médicas**

Neste mesmo período o principal espaço de divulgação dos trabalhos médicos realizados no estado eram as duas primeiras revistas médicas de São Paulo. É possível afirmar que a saúde pública foi um foco importante de atenção da produção de conhecimento, realizada e destinada a informar e formar o campo médico paulista.

A “*Revista Médica de São Paulo*”, publicada em 1889 por Miranda de Azevedo, Francisco Tibiriça e Mello Oliveira, continha a proposta, indicada em seu primeiro editorial, de auxiliar a atuação médica em duas frentes. Primeiro, fortalecendo a unidade profissional dos médicos brasileiros:

A classe medica brasileira sofre de um grave mal, que a torna fraca, não tendo o papel que deveria representar, nem a influencia a que tem direito na nossa sociedade: é a pouca fraternidade que existe entre seus membros, e o estado quase constante de agressão que predomina entre eles. Esse modo de ser, filho do nosso meio social e político, ainda mais grave se torna pela falta absoluta de associações e órgãos científicos, onde se discutam as questões puramente profissionais ou de valor especulativo para a medicina e seus ramos. (*Revista Médica*, n.1, p. 1, 1889)

E segundo, como veículo de divulgação de conhecimentos médicos produzidos, os quais recaíam em sua grande maioria sobre temas recorrentes da saúde pública, com a principal preocupação de identificar e estabelecer os espaços das patologias brasileiras, a partir da visão médica paulista:

A matéria medica brasileira oferece um mundo novo e imenso para explorações, mas só agora começa a dirigir-se persistentemente para ai a atenção de alguns especialistas nacionais. (...) A província de São Paulo

também já conta um pessoal medico numeroso e ilustrado, capaz de contribuir efetivamente para a solução dos problemas científicos quer puramente medico quer de higiene publica e social; para servir a esses intuitos apresenta-se hoje a Revista Medica de S. Paulo. (...) occupar-se-há das questões gerais de medicina, registrando estudos clínicos e experimentais sobre todos os ramos de medicina, cirurgia e ciências correlativas. (Revista Médica, n. 1, p. 1, 1889)

A segunda Revista Médica tinha já em seu título a questão da higiene como idéia central, “*Revista Médica de São Paulo: jornal pratico de medicina, cirurgia e higiene*”, cujos diretores eram Victor Godinho e Arthur Mendonça.

Também este periódico esteve direcionado prioritariamente à discussão dos principais problemas de saúde pública e da identificação das patologias que mais se desenvolviam em São Paulo.

Ao primeiro artigo publicado na revista, de autoria de Adolpho Lutz, chamado “*Observações sobre as moléstias da cidade e do Estado de S. Paulo*”, seguem-se diferentes abordagens das principais patologias verificadas, tais como: impaludismo, varíola, febre amarela, febre tifóide, gastroenterite dos trópicos, entre outras. Eram veiculados ainda diversos artigos sobre instituições destinadas a trabalhar com a saúde pública, tanto oficiais, tais como Hospital de Isolamento, Desinfetório Central, Serviço Sanitário; como não oficiais, Laboratório de Química Medica da Policlínica de São Paulo, Escola Livre de Farmácia e Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

É possível avaliar que a intenção de legitimar o campo microbiológico em face das várias resistências que se impunham contra ele foi a principal preocupação destes dois periódicos.

Mas este movimento geral do periodismo paulista tinha também como objetivo ampliar a própria prática de uma medicina científica, frente ao conjunto mais amplo dos médicos clínicos que atuavam no Estado. Os maiores espaços formadores de um pensamento médico em São Paulo, o Serviço Sanitário, A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e o Hospital da Santa Casa, congregavam uma elite médica que se comunicava através das revistas anteriormente citadas.

Nestas revistas, principalmente na segunda Revista Médica, que durou de 1898 a 1914, verifica-se uma ampla diversidade no entendimentos sobre as doenças que grassavam em São Paulo e uma variedade também muito grande quanto aos procedimentos terapêuticos adotados. O princípio de democratizar, neste período, o acesso às páginas das revistas, a todo tipo de profissional da saúde - clínicos particulares, tanto do interior quanto da capital; higienistas e cientistas; além de farmacêuticos e dentistas - nos dá uma mostra bastantes variada das diferentes

abordagens utilizadas para enfrentar as doenças, principalmente as epidêmicas, e outros problemas de saúde.

A atenção dispensada pelos editoriais da Revista Médica ao tema do ensino foi particularmente direcionada a Faculdade de Farmácia. O médico Victor Godinho, foi professor de bacteriologia naquela faculdade, além de inspetor sanitário do Estado. Sua perspectiva era a de implantar um curso médico junto a faculdade já estabelecida:

O Estado de São Paulo pretendeu ha tempos fundar em sua capital uma Escola de Medicina, mas por circunstancias diversas, a fundação da Escola foi adiada. Embora lastimemos o fato não podemos adiar e nos conformar com o adiamento. Alguma coisa no entanto podia-se fazer, por exemplo: criar uma escola de Farmácia e Arte Veterinária, instituição esta que poderia tornar-se o núcleo da futura Escola de Medicina em S. Paulo, conservando os cursos agora fundados. (Revista Médica, ano I, agosto, 1898, n.7, p.? )

A Faculdade de Farmácia será criada em 1899, como escola particular, subsidiada logo depois pelo governo do Estado. Em 1902 ela foi transformada em Escola Livre de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia. De sua criação até a criação de uma faculdade estadual de medicina, em 1913, houve grandes esforços para a instalação de um curso médico junto ao curso de farmácia. Este projeto era defendido principalmente pela Revista Médica e pelo fundador da Faculdade de Farmácia, o médico Bráulio Gomes, que também será um dos fundadores da Maternidade São Paulo.

Porém, este projeto foi bastante combatido, principalmente por Rubião Meira que era contrário a possibilidade de se subordinarem médicos a farmacêuticos, se o curso de medicina se concretizasse junto a Faculdade de Farmácia<sup>4</sup>.

O Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo aparece então como uma das possibilidades de integrar a atenção à saúde e atividades de cunho investigativo. Essas atividades constituíram-se em espaço de pesquisa de diferentes tipos, referentes á terapêutica, á análises clínicas e á anatomia patológica.

Uma tentativa diferenciada foi a criação cursos de caráter especializado. O primeiro foi realizado na Santa Casa de Misericórdia, em fevereiro de 1909. O médico Rubião Meira inaugura o “*Curso de diagnóstico médico*”, ligando-o diretamente às dificuldades que a falta de ensino superior de medicina poderia acarretar para a medicina paulista: “E porque ele faltou até hoje, isto não quer dizer que nós, os que somos interessados na sua existência, sejamos os primeiros a nos colocarmos na obscuridade e fora da luta (...)”<sup>5</sup>.

O espaço oferecido pela Santa Casa passa cada vez mais a ser utilizado como “... verdadeira

escola prática de medicina e cirurgia”<sup>6</sup> pelos principais representantes da medicina paulista.

### **A Santa Casa no início do ensino médico**

A Santa Casa será objeto de desejo de diferentes grupos ligados ao ensino. O projeto da Escola de Farmácia tinha como proposta a utilização de suas enfermarias, o que foi duramente rechaçado:

Eu não sei se lhe é permitido franquia aberta ao ensino profissional. Ignoro essa disposição de seu compromisso, mas quero crer que ele não sofre, não consente, não admite sejam os doente que penetram os umbrais desse asilo, explorados pelos alunos dessa idealizada faculdade.<sup>7</sup>

O mesmo se deu em outro projeto de ensino médico particular, o da primeira Universidade de São Paulo, criada em novembro de 1911 pelo médico Eduardo Guimarães. Contando com uma Faculdade de Medicina<sup>8</sup> houve também a proposta de utilização do Hospital da Santa Casa para o ensino prático. Tal proposta foi negada pelo diretor clínico do hospital, Arnaldo Vieira de Carvalho “...não poderemos, sem grave dano para os infelizes enfermos, admitir a invasão dessas enfermarias pelos numeroso estudantes que naturalmente se matricularão nos cursos de sua Escola de Medicina.”<sup>9</sup>

Neste momento o projeto paulista de uma escola de medicina oficial acaba sendo concretizado, intimamente ligado ao grupo de médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo começou a funcionar no ano de 1913, com a contratação de médicos em sua maioria da Santa Casa, mas também de médicos estrangeiros como Alfonso Bovero e Lambert Mayer, entre outros.<sup>10</sup> Tendo como diretor o próprio Arnaldo, a Santa Casa passou a ser utilizada pela Faculdade de Medicina até meados dos anos 1940, quando inaugurou-se o Hospital das Clínicas.

### **Conclusão**

Nesta apresentação tentei caracterizar rapidamente as diferentes origens do debate sobre a criação de uma escola médica paulista.

A idéia mais geral de cuidados com a saúde pública tinha destaque no período quando da primeira lei que previu a criação de tal escola, em 1891. Porém é preciso avaliar que a produção de conhecimento médico, divulgada pelas primeiras revistas, e o atendimento á saúde, realizado em

importante número pelo Hospital da Santa Casa de São Paulo, foram decisivos para a criação da faculdade em dois aspectos. Primeiro como responsáveis pela ampliação do debate em torno da medicina científica e do laboratório como local de produção de conhecimento, ainda que inicialmente dedicado sobretudo à bacteriologia. Segundo porque o trabalho realizado no Hospital da Santa Casa, por ser mais diversificado, em razão das diferentes áreas de atendimento, e também por congregar um número expressivo de profissionais representantes de diferentes setores médicos - Sociedade, Revistas, Serviço Sanitário, entre outros - ampliava o entendimento sobre a própria medicina.

Este duplo movimento da prática médica em direção a uma medicina mais científica e ao mesmo tempo enfocada no atendimento hospitalar, convergiu para mudar o foco do debate em torno da institucionalização do ensino.

A proposta inicial de um curso médico ligado a outros cursos (farmácia, obstetrícia e veterinária) ou a sua realização em uma instituição particular, não vai se consolidar. O ensino paulista vai ser proposto e realizado na junção do Hospital e do laboratório, por grupos de médicos dedicados não apenas à saúde pública e à bacteriologia/microbiologia, mas sim por representantes de diferentes especialidades, conforme a os princípios do ensino médico e dos debates internacionais do período.

---

<sup>1</sup> Prado, Antonio Almeida. Quatro séculos de medicina na cidade de São Paulo. In: Ensaio paulista. São Paulo. Anhembi, 1958.

<sup>2</sup> Para ver uma descrição completa dos serviços de saúde implantados no estado consultar Ribeiro, Maria Alice Rosa. História sem fim... um inventário da saúde pública: São Paulo 1880 - 1930. São Paulo, UNESP, 1983

<sup>3</sup> Hochman, Gilberto. A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo : Ed. Hucitec, 1998.

<sup>4</sup> Meira, Rubião. Ofício ao diretor da Escola de Farmácia de São Paulo, 1910. In : *Perfis e Lutas*, Estabelecimento Gráfico Universal, 1913.

<sup>5</sup> Aula inaugural do curso de diagnóstico médico, 1909. In : Meira, Rubião. *Perfis e lutas*. São Paulo, Estabelecimento Graphico Universal, 1913.

<sup>6</sup> Synesio Rangel Pestana. Discurso In : *Arquivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, ano 1, n. 1, junho de 1910, p. 12.

<sup>7</sup> Meira, Rubião. "A Faculdade de Medicina de São Paulo". *Correio Paulistano*, 6 de setembro de 1910.

<sup>8</sup> Nomes de grande prestígio se envolveram neste projeto, tais como Vital Brazil, na cadeira de Microbiologia; Eduardo Guimarães, reitor da Universidade e professor de Patologia; Ulysses Paranhos na cadeira de Clínica Médica; Alberto Seabra de Higiene; Luiz Philippe Baeta Neves de Ginecologia; Antonio Carini de Anatomia e Histologia e Franco da Rocha de Neurologia e Psiquiatria, entre outros. Universidade de São Paulo. Início dos cursos superiores. Memorial do reitor aos governos federal e estadual. 1911. Casa Duprat, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, edição, 1917.

<sup>9</sup> *Apud* Guimarães, Antonio de Palma. Arnaldo Vieira de Carvalho: biografia e crítica. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, s/d, p. 742

<sup>10</sup> Nadai, Elza. Ideologia do progresso e ensino superior (São Paulo 1891-1934). São Paulo : Edições Loyola, 1987.